

Imagética do Sentidos: metodologia multissensorial e interseccional para a análise de imagens¹

Emanuele de Freitas BAZÍLIO²

Alice Oliveira de ANDRADE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este é um esboço de uma proposta metodológica multissensorial e interseccional direcionada a análise de imagens, intitulada Imagética dos Sentidos. Tem como foco fotografias produzidas por indivíduos racializados que foram historicamente colocados à margem da representação imagética ou estigmatizados por ela desde que a imagem fotográfica surgiu como registro das civilizações. Pretende-se desenvolver uma metodologia que opere nos vazios preenchendo espaços mentais e sociais e contribua para a construção de uma nova visualidade sobre esses corpos.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; interseccionalidade; metodologia multissensorial; Imagética dos Sentidos; imagem.

INTRODUÇÃO

Ao afirmar que a câmera se tornaria cada vez menor e "cada vez mais apta a fixar imagens efêmeras e secretas, cujo efeito de choque paralisa o mecanismo associativo o espectador", Benjamin (1994, p. 107) sequer imaginara que seu pensamento seria aprofundado em um contexto contemporâneo de mobilidade acentuada, conectividade em rede e espalhabilidade da imagem fotográfica em condições ainda mais céleres. A câmera fotográfica, considerada como dispositivo de produção para as imagens técnicas (Flusser, 2009; Santaella, 2013), produz memória visual e socio-histórica, mas é preciso pensar a imagem também como ato, atravessada pelos sujeitos que a produzem - e por aqueles retratados - onipresente quanto às suas potencialidades.

A fotografia enquanto imagem tecnológica, dentro desse contexto, assumiu a função ideológica imperial de documentar e surge para reforçar as bases desse imperialismo e racismo da colonialidade (Azoulay 2021). A respeito disso, Neusa

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professora substituta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutoranda e mestra em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN), email: manufreitass2@hotmail.com.

³ Professora substituta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora e mestra em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN), email: alicelandrade@live.com.

Santos Souza (2021, p. 46) afirma que: “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas”, acrescentaria: é ter roubada e ressignificada sua própria existência através de um olhar que violenta indivíduos.

Por essa razão, defendemos a importância de pensar a imagem em uma perspectiva interseccional, levando em conta os diversos atravessamentos que precisam ser percebidos ao analisar uma imagem, em especial os que envolvem questões étnico-raciais, de gênero e classe. Forjado no contexto dos movimentos sociais, a interseccionalidade é um conceito demarcado no campo jurídico (Crenshaw, 1989, 1990) para apontar as múltiplas matrizes de opressão que afetam, sobretudo, mulheres negras. A autora argumenta que as formas tradicionais de análise jurídica das questões de gênero e raça, por exemplo, tendem a tratar essas formas de discriminação de forma separada, negligenciando as experiências específicas das mulheres negras que são afetadas por ambas. A interseccionalidade destaca como as identidades sociais e as estruturas de poder se entrelaçam e se influenciam mutuamente, criando experiências de opressão e privilégio para diferentes grupos de pessoas. Trata-se de uma abordagem teórica que destaca a interação entre diferentes sistemas de opressão, como raça, gênero, classe social, orientação sexual, entre outros aspectos.

Defende-se enxergar a imagem como quem fala da margem ao centro, conforme os termos de hooks (2019), considerando que os atravessamentos interseccionais comunicam um contexto analítico mais aprofundado das fotografias, trabalhando nos sentidos auditivos e sensoriais que ela produz. Assim, as reflexões aqui apresentadas partem de um primeiro exercício para reivindicar o caráter político das imagens quando observadas por lentes que considerem variáveis de gênero, raça e classe, em que a inscrição da imagem está não somente naquilo que ela mostra, mas nas demais informações que nos conta através dos sentidos humanos.

IMAGÉTICA DOS SENTIDOS

Propõe-se, neste texto, o início de uma discussão sobre a importância de construirmos uma metodologia multissensorial para a análise de imagens que considere uma perspectiva interseccional, a qual chamamos de Imagética dos Sentidos. Essa metodologia é um caminho para compreender quais os símbolos e rastros decoloniais estão escondidos nas fotografias produzidas por pessoas racializadas, utilizando como

base técnicas ancestrais quilombistas de luta, resistência e representação (Moura, 2001; B. Nascimento, 2014; A. Nascimento, 2019) através da produção de imagens e de uma visualidade própria sobre seus corpos. Uma abordagem que mobiliza não apenas todos os sentidos humanos na interpretação e compreensão de uma imagem, como também um olhar que considere os múltiplos eixos socioculturais retratados naquela produção fotográfica. Tradicionalmente, a análise de imagens se concentra principalmente no aspecto visual, examinando elementos como cores, formas, composição e texturas. No entanto, em especial ao considerarmos fotografias de corpos historicamente subalternizados, como os negros, uma abordagem multissensorial e interseccional vai além disso, considerando como os estímulos sensoriais adicionais podem enriquecer nossa compreensão da imagem e ouvir os elementos "indizíveis" que ela carrega.

Isso significa incorporar elementos como o estímulo auditivo, onde não apenas observamos a imagem, mas também consideramos os sons associados a ela, como vozes, música, ruídos de fundo ou qualquer som que possa estar presente na cena capturada. Além disso, a análise multissensorial leva em conta a dimensão tátil, explorando como a textura e a sensação tátil dos objetos ou superfícies retratadas na imagem podem contribuir para a narrativa visual e sua produção de sentido.

A ideia é que, ao levar em conta todos esses sentidos, podemos ter uma compreensão mais rica e holística da imagem, capturando não apenas o que vemos, mas também o que ela revela quando enxergamos profundamente, e não apenas vemos. Essa perspectiva considera a narrativa que a imagem comunica e o contexto em que foi criada e é apresentada. Qual é a história que a imagem conta? Que emoções ela evoca? Em que contexto foi produzida? Quais corpos são retratados? Como eles são representados? Esse percurso metodológico reconhece que a experiência pessoal de cada indivíduo desempenha um papel na interpretação e, portanto, incorpora respostas emocionais e subjetivas à análise.

A imagética dos sentidos aplicada a análise de imagens nos permite "ouvir" as nuances e as camadas de significado que uma imagem pode transmitir, enriquecendo nossa compreensão de seu conteúdo e impacto. Para Sternberg (2000), percepção seria uma série de processos psicológicos através dos quais indivíduos reconhecem, organizam, sintetizam e atribuem significado às sensações provenientes dos estímulos ambientais. Uma metodologia multissensorial implicaria em conceber a experiência da

análise de imagens com o apoio não somente do estímulo visual, mas no processo de delinear seu contexto, subjetividade, possibilidades e intencionalidades comunicativas e na conexão entre os elementos.

Em alguns campos, como na educação, já se fala sobre metodologias e didáticas multissensoriais (Tojal, 2007; Soler, 1999, Ballester, 2003) para ampliar o escopo de aprendizagem sobre o mundo, ampliando a acessibilidade do ensino e estimulando outras funções psíquicas para a atividade da percepção. Na proposta apresentada neste texto, considera-se a multiplicação das lentes de análise ao girarmos a roleta interseccional (Carrera, 2021) aliada à fundamentação teórica voltada para a perspectiva étnico-racial. Essa metodologia propõe uma leitura racializada de imagens de pessoas negras, compreendendo as marcas sensoriais e interseccionais que atravessam a existência desses corpos na sociedade.

Meirinho (2021) analisa que "desmontar um regime racializado de representação é um exercício extremamente difícil". Acreditamos que essa prática perpassa o lugar a produção das imagens contemporâneas, que precisa se distanciar do serviço à colonialidade do poder (Quijano, 2002), mas também as estratégias de olhar e análise dessas produções fotográficas. Pensar um caminho metodológico que tire a imagem de uma posição estática e a ponha em um regime mais complexo e multissensorial implica em reconhecer o potencial da interseccionalidade para a análise das fotografias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pretende-se propor uma metodologia que alcance as camadas internas e escondidas da fotografia produzida por indivíduos negros, como as imagens do coletivo Favelagrafia. Enxergar além do que se pode ver e ouvir além do que é audível ajudará os pesquisadores e produtores de imagens racializadas a preencher os vazios da representação social enfrentados por esses grupos subalternizados ao longo da história da humanidade, assim como compreender a visualidade que vem sendo construída por eles.

Após este esboço inicial para pensar esse fluxo analítico, consideramos o potencial significativo da abordagem da Imagética dos Sentidos para análise de imagens. Por buscar integrar diversas modalidades sensoriais e considerar as complexidades das identidades sociais dos sujeitos racializados retratados nas imagens,

a proposta prioriza o debate sobre as produções imagéticas voltadas para reflexões de gênero, classe, mas, principalmente raça.

Essa experiência pode oferecer uma contribuição para a compreensão das fotografias, pensadas como um espaço crítico, cultural e político. Primeiramente, ao adotar uma perspectiva multissensorial e interseccional, podemos considerar não apenas os elementos visuais das imagens, mas também como elas evocam emoções, memórias e experiências sensoriais em quem as visualiza. Isso nos permite avaliar não apenas o que é mostrado na imagem, mas também como ela é percebida e interpretada a partir das diferentes informações que carrega. Além disso, a abordagem interseccional nos permite analisar as representações presentes nas imagens em relação às complexidades das identidades sociais e das relações de poder. Podemos examinar como essas imagens abordam questões interseccionais e como elas podem desafiar ou reforçar as hierarquias existentes.

Ao considerar esses aspectos, podemos avaliar de forma mais crítica o impacto das imagens. Embora esta seja uma proposta preliminar, ao adotarmos as lentes analíticas da interseccionalidade, consideramos que a interação entre diferentes sistemas de opressão pode influenciar a percepção e interpretação das imagens. A aplicação prática dessa metodologia pode promover uma análise mais crítica e antirracista das imagens, possibilitando uma compreensão mais profunda de como as representações visuais refletem e perpetuam dinâmicas de poder e desigualdade em nossa sociedade.

Por conseguinte, a proposta de um olhar multissensorial e interseccional para análise de imagens racializadas, nos oferece uma perspectiva crítica e política da fotografia, subvertendo o domínio do sentido visual e considerando que a fotografia não apenas nos mostra, mas também nos conta. Se a imagem é um campo de intenções e produção de sentido (Rancière, 2011), analisá-la por múltiplos sentidos e matrizes contribuem para a retomada de existências, confrontos e visibilidades tantas vezes oprimidas por um olhar hegemônico.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella Aïsha. Toward the Abolition of Photography's Imperial Rights. In: COLEMAN, Kevin; JAMES, Daniel (org.). *Capitalism and the Camera: Essays on Photography and Extraction*. Verso Books, 2021.

BALLESTERO-ÁLVAREZ, Jose Alfonso. **Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos**. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2003.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** – Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARRERA, Fernanda. **Roleta interseccional**: proposta metodológica para análises em Comunicação. E-Compós, n. 24, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex**: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. u. Chi. Legal f., 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color**. Stan. L. Rev., v. 43, 1990.

FLUSSER, Villém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

hooks, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

MEIRINHO, Daniel. **Ressignificações contemporâneas dos imaginários racializados nas artes visuais**. Revista Farol, v. 16, n. 23, p. 55-70, 2021.

MOURA, Clóvis. **Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Cultura em movimento**: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, poder, globalização e democracia**. Novos Rumos, v. 37, n. 17, p. 4-28, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **El destino de las imágenes**. Pontevedra: Politopías, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SOLER, M. A. **Didáctica multisensorial de las ciencias**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas Públicas de Inclusão de Públicos Especiais em Museus**. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Escola de Comunicação em Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.